

Tipo de relato: Relato de Experiência

Eixo transversal: Saúde Mental

Financiamento e apoio: Ministério da Saúde e Departamento de Saúde Coletiva (DSC) da Universidade Estadual de Campinas

Título: A construção de dispositivos grupais num CAPS III

Palavras-chave: grupalidade; atenção psicossocial, saúde mental coletiva

Autores: Vitor Hugo Silva Lima Alves (UNICAMP); Ayron Santos Camargo (UNICAMP); Júlia Blikstad (UNICAMP); Lucas Jivago Lourenço Franco (UNICAMP); Lucas Duarte Araújo (UNICAMP); Milena Tarcisa Trindade Ferraz (UNICAMP); Bruno Emerich (UNICAMP); Rosana Onocko-Campos (UNICAMP).

INTRODUÇÃO:

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) constituem um dos diversos pontos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) brasileira. Estes espaços derivam do ideal de desinstitucionalização e territorialidade presentes no movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira. Definido juridicamente pelas portarias 336/2002 e 3088/2011 do Ministério da Saúde, o CAPS atende pessoas com sofrimentos psíquicos agravados e é composto por equipe multiprofissional com atuação interdisciplinar. Suas atividades são realizadas prioritariamente em espaços coletivos e de forma articulada intra e intersetorialmente. A compreensão das dinâmicas grupais pode se dar via leitura psicanalítica com a concepção de que numa situação grupal há processos psíquicos específicos em jogo, os quais têm profunda ressonância na constituição subjetiva de seus participantes. No contexto da saúde mental, os grupos se tornam dispositivos potentes nas movimentações de linhas de poder instituídas nos serviços e nos espaços intra e intersíquicos, possibilitando elaborações importantes. Contudo, tais espaços não podem ser geridos sob a lógica gerencial hegemônica que reproduz controle e uso unilateral do poder por parte da equipe profissional, e sim visa produzir graus cada vez maiores de autonomia, criatividade e desalienação.

OBJETIVO:

Refletir sobre os desafios concernentes à construção da oferta de dispositivos grupais num CAPS III

CONTEXTO:

A prática de um psicólogo residente em um CAPS III de uma cidade metropolitana do estado de São Paulo.

DESCRIÇÃO

O CAPS em questão é marcado por seus aspectos físicos e arquitetônicos. Há dois pequenos pátios interligados e poucas salas para a construção de atividades diferenciadas e protegidas da correria e do vai vem de profissionais, usuários e visitantes que compõem o dia a dia de um serviço de saúde. Ofertas grupais se tornaram limitadas, os encontros passam a ser agendados e a ambiência é marcada por um esvaziamento de sentido e de atividades.

Com a pista do relato de um trabalhador, levanta-se como consideração as consequências trazidas pela pandemia de COVID-19 em termos de desafios para a ação grupal. Durante os momentos emergenciais da pandemia, a coletividade se tornava um risco sanitário, o qual deveria ser evitado. Supõe-se que o processo de trabalho e de demandas desenvolvidos nesse período particular, ainda compõe o cotidiano do serviço em questão, a partir de reconfigurações vinculares e institucionais.

Nota-se um grande empuxo ao atendimento das demandas agravadas de saúde mental por meio de ações individuais, de forma em que resta pouco tempo na agenda de cada trabalhador para a organização de atividades coletivas. Tal oferta, importante na medida em que é utilizada como mais uma ferramenta e não a única dentro dos modos de trabalho, não abarca as mesmas potencialidades de um dispositivo grupal. No que diz respeito a sua capacidade de agenciar encontros imprevisíveis, promover a lógica comunitária e a produção de desvios em histórias marcadas pela repetição.

Assim, considera-se que a máquina abstrata da coletividade é capaz de tratar a alienação a partir da heterogeneidade que lhe compuser. Nesta modalidade de encontro, diversos meios podem ser empregados para que as pessoas em sofrimento psíquico grave possam se desembaraçar de sistemas alienantes e conseguem delimitar os seus corpos e suas subjetividades através do uso da mediação dos ateliês, oficinas, reuniões, espaços em que se podem conviver com diferentes funções, lugares e papéis.

Considerando a ambiência como um espaço em que se dá um encontro não agendado e inesperado, aposta-se nisso como um meio de construir grupalidades a partir das miudezas do cotidiano. As situações incluem a mediação da convivência entre usuários e o atendimento de demandas e intercorrências diárias marcadas pela crise. O posicionamento nestes momentos necessita de uma postura de espera ativa e de presença confiável por parte do trabalhador, que, sensível ao que passa ao redor, é capaz de oferecer contornos ao que se

desenrola no espaço interpessoal. Neste ambiente protegido para a interação, a presença dos usuários adquire um sentido que pode ser costurado aos seus projetos terapêuticos.

Advertido dessa dinâmica, buscou-se o investimento na ambiência a partir de ofertas que pudessem agenciar encontros em dispositivos grupais. Tais ofertas se deram como proposição de momentos de jogos entre vários usuários, de caminhadas, de composição e produção de cartazes, de sustentação de rodas de música e de cuidado com o espaço físico do CAPS.

RESULTADOS:

A formação de grupidades por meio dessas ofertas se mostrou um desafio, pois a sustentação desses espaços requer uma presença implicada e reservada, bem como o manejo do imprevisível que surge do encontro entre pessoas muito diversas e da emergência de conteúdos angustiantes e desorganizadores. Esse enfrentamento se torna possível a partir da co-responsabilização e da promoção de circulação de papéis nas interações dentro de grupos que se tornam verdadeiros envoltórios para a simbolização e elaboração. Notou-se, contudo, como a oferta de momentos em grupo para a execução de algum objetivo específico foi capaz de agenciar movimentações dentro da ambiência do CAPS, ao fazer derivar disso grupos para o cuidado e singularização do espaço físico do CAPS e encontros para a realização de tarefas específicas, com possibilidades de se estruturarem em atividades frequentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A construção de dispositivos grupais num CAPS III demonstrou ser uma prática desafiadora, mas essencial para a atenção psicossocial. A experiência relatada ressalta a importância de criar espaços que possibilitem encontros e sustentem vivências marcadas por sofrimento e angústia, atuando como nós em redes esburacadas. Esses dispositivos oferecem suporte para experiências de vulnerabilidade exacerbadas pelas estruturas sociais neoliberais, como pobreza, racismo e desamparo. A pandemia de covid-19 trouxe desafios adicionais, destacando a necessidade de adaptação constante dos serviços de saúde mental. Apesar da demanda por atendimentos individuais durante a pandemia, a criação de espaços coletivos mostrou-se vital para promover autonomia, criatividade e desalienação. A experiência sugere a eficácia de ofertas de momentos coletivos para engajar os usuários e promover suas interações. Assim, a experiência reafirma a necessidade de um investimento contínuo na criação e manutenção de dispositivos grupais, promovendo uma rede de cuidado mais humana e solidária, capaz de sustentar e transformar as experiências de sofrimento psíquico.

